

Revista Iberoamericana de Turismo



MUSEUS DAS MULHERES NA ACTUALIDADE: CRIAÇÃO, OBJECTIVOS E O CONTRIBUTO DA HISTÓRIA¹

Irene Maria de Montezuma de Carvalho Mendes Vaquinhas

Doutora em História pela Universidade de Coimbra, Portugal.

Professora Catedrática da Universidade de Coimbra, Portugal.

E-mail: irenemcv@fl.uc.pt

Resumo

Nesta comunicação é feito o levantamento dos principais museus das mulheres, existentes ao nível mundial, tomando como fonte principal de pesquisa a International Association of Women's Museums, bem como se procede ao historial da sua criação e se problematiza a sua relação com a história das mulheres e o conceito de museologia de género. Abordam-se igualmente os principais vetores, missões e linhas estratégicas desta categoria de museus e os eixos estruturantes das respetivas exposições permanentes.

Palavras-chave: Museus das mulheres e de género. Museologia de género. História das mulheres e do género.

1 INTRODUÇÃO

Em Março de 2015 estavam inscritos na International Association of Women's Museums², organização criada no ano de 2008, em Alice Springs (Austrália), 79 museus das mulheres ou do género, dos quais 49 eram nacionais (públicos ou privados), 21 de iniciativa de grupos femininos e 7 virtuais (SCHONWEGER, 2010, p. 55-66) (Quadro 1).

Quadro 1 - Museus das mulheres no mundo: nacionais (públicos e/ou privados), de iniciativa feminina e virtuais)

	Museus	Iniciativa Fem.	Virtuais	Total	%
AMÉRICA	14	4	3	21	26,6

¹ O texto deste artigo resulta de revisão e atualização de um artigo publicado em 2014 (Vaquinhas, 2014). Uma versão em língua inglesa foi apresentada a 29 de Maio de 2015 na Konferencija “Žene I Nasljede – Ka Osnivanju Muzeja Žena Crne Gore” / Conference “Women and Heritage – Towards the founding of Montenegrin women's museum”, organizada pelo Ministério da Cultura, em Cetinje (República de Montenegro).

² Esta associação começou com uma plataforma *online*, criada em Junho de 2008, aquando do 1º International Women's Museums Congress em Merano (Itália), tendo como principais objetivos: “to increase the visibility and acceptance of Women's Museums; to actively support each other; to make use of the internet platform in order to push ahead the work of network” (Womeninmuseum. The network of the women's museum: <http://www.womeninmuseum.net/en/> (06-04-2015; 17.26). Para uma análise histórica desta plataforma veja-se Astrid Schonweger. 2010. “Network Woman in Museum. Museos de las mujeres se conectam entre si”, *Her & Mus, Heritage and Museography*, n.º 3, enero-febrero de 2010, 55-66 (www.trea.es/material/descargas/5-6.pdf her&mus, n.º3, 2010).

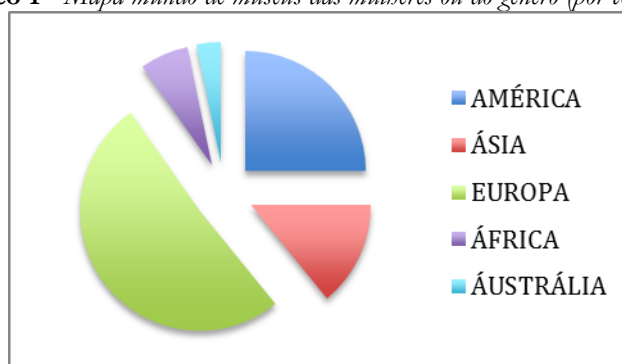
ÁSIA	10	2	1	13	16,5
EUROPA	19	12	5	36	45,6
ÁFRICA	3	3		6	7,6
ÁUSTRÁLIA	3			3	3,8
TOTAL	49	21	9	79	100

Fonte: <http://www.womeninmuseum.net/en/> (Acesso em: 02 abr. 2015; 16:41)

Trata-se de um número significativo de instituições museológicas, espalhadas por todo o mundo, embora maioritariamente localizadas na Europa (cerca de metade), cujo cômputo seria superior se lhe acrescentássemos museus que não integram a referida associação³ (Gráfico 1).



Gráfico 1 - Mapa-mundo de museus das mulheres ou do género (por continente)



Fonte: <http://www.womeninmuseum.net/en/> (02 abr. 2015; 16:41)

Todos, porém, partilham da mesma missão: resgatar memórias e patrimónios femininos e dar visibilidade à participação das mulheres na vida económica, social, política e cultural dos respectivos países ou em áreas de actividade específicas, tanto no passado como no presente, com vista a ultrapassar discriminações de género e a contribuir para uma sociedade mais justa e democrática. Visam igualmente valorizar as expressões culturais e artísticas femininas e prestar homenagem a todas as mulheres que, ao longo do tempo, tiveram um papel activo na criação de instituições museológicas, constituíram colecções ou contribuíram para a formação de fundos.

Tornar visível o protagonismo feminino aos níveis museal e patrimonial é também entendido como um ato de justiça, uma forma de reforço da visibilidade política das mulheres (Vahé, 2009, 3) e um contributo para a construção de uma sociedade que aplica

³ De acordo com o levantamento que efectuei, no ano de 2013, existiam, em todo o mundo, 71 museus. Como base de dados recorri quer aos museus inscritos na *International Association of Womens's Museums* (IAWM) quer aqueles que constavam do site “Museos de la mujer. Patrimonio femenino”, sediado no Ministério da Educação, Cultura e Desporto, de Espanha (VAQUINHAS, 2014). Na actualidade, esta plataforma inclui também os seguintes museus ou casas-museus que não contam da lista da IAWM: em Espanha: Casa-museo Emilia Pardo Bazan; Casa-museo Rosalia de Castro; Centro Europeo de las mujeres “Mariana de Pineda”; na Alemanha: Kathe Kollwitz Museum; Das Varborgene Museum; na Suécia: Museum Anna Nordlander; nos países ibero-americanos: Museo de Frida Kahlo; Museo de las mujeres artistas mexicanas (<http://www.mecd.gob.es/cultura-mecd/areas-cultura/museos/mc/ceres/catalogos/catalogostematicos/patrimoniodefemenino/presentacion/enlaces-a-museos-de-mujeres.html>) (02 abr. 2015; 16:41).

os conceitos de igualdade de género, de inclusão social e de democracia participativa (RECHENA, 2011, p. 239; VAQUINHAS, 2014).

A missão dos museus das mulheres é, por conseguinte, abrangente e não se circunscreve à conservação de patrimónios (materiais ou imateriais) e à transmissão de memórias. Estes desempenham também um importante papel cívico e interventivo, quer como espaço de reflexão sobre a problemática do género, integrando, em alguns casos, centros documentais e de pesquisa, quer, ainda, como “[...] um instrumento de transformação social” e de democratização das práticas laborais (TEJERO CONI, 2010, p. 44)⁴.

A partir desta temática central, serão abordados, neste artigo, os seguintes tópicos: 1º. Origem, fundação e evolução numérica de museus das mulheres no mundo, bem como a sua articulação com o conceito de museologia de género; 2º. Os principais eixos estruturantes dos conteúdos programáticos dos museus das mulheres e alguns aspectos de exposições temporárias; 3º Finalmente, o seu papel na sociedade contemporânea e perspectivas de futuro.

2 MUSEUS DAS MULHERES: ORIGEM, FUNDAÇÃO E EVOLUÇÃO NUMÉRICA. A ARTICULAÇÃO COM O CONCEITO DE MUSEOLOGIA DE GÉNERO

O primeiro museu oficialmente declarado, a nível mundial, como da mulher, foi fundado na cidade de Bona, na Alemanha, por Marianne Pitzén, no ano de 1981, tendo resultado de uma ação de ocupação de um edifício levada a cabo por elementos do movimento feminista alemão (SZPERLING, 2010). Considerado, na atualidade, um dos principais museus alemães, exhibe, desde o ano de 2006, uma exposição permanente com base em colecções provenientes de museus de História das Repúblicas Democrática e Federal Alemãs, e que, após a queda do muro de Berlim, foi possível reunir, tendo implicado uma releitura da historiografia alemã (López Benito; Llonch Molina, 2010, p. 12-13).

É, sobretudo, a partir dos anos 1990, que tem lugar o *boom* fundacional de museus da mulher e/ou das mulheres (MIRKIN, 2011), tendo sido criados, nessa década, cerca de três terços dos museus existentes na actualidade (LÓPEZ BENITO; LLONCH MOLINA, 2010, p. 14), processo que se acelerou a partir de 2010, por efeito, sobretudo, da criação de museus virtuais ou de museus fundados por grupos feministas (Quadro 2 e Gráficos 2 e 3). Os primeiros museus surgiram, na Europa, ainda nos anos 1970 e 1980, sendo, na maioria, de carácter etnográfico, tendo como objectivo prioritário singularizar características culturais das mulheres de uma determinada região ou preservar tradições femininas caídas em desuso ou em vias de extinção. Na sua configuração, estes museus partilham de alguma proximidade ideológica com o movimento de ecomuseologia então em voga, muito em especial, a importância atribuída ao território, à memória e ao património (MENDES, 2009, p. 65-69).

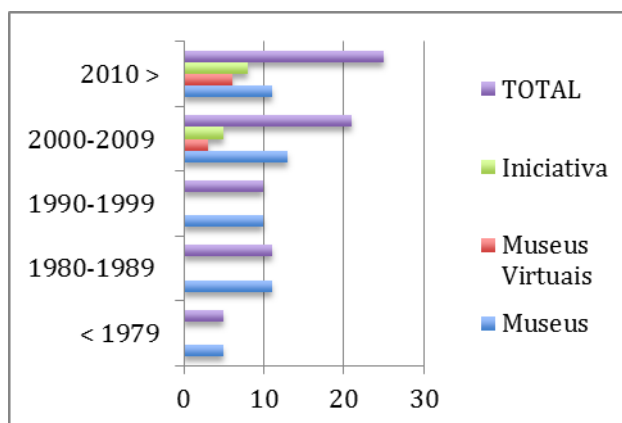
Já nos Estados Unidos da América, a criação de museus da mulher e, muito em particular, de casas museus dedicadas a personalidades femininas, foi mais precoce, tendo-se intensificado a partir da 2ª Grande Guerra (ARMITAGE, 2005, p. 8).

⁴ No que respeita ao aspecto concreto da transformação social, pretende-se, sobretudo, identificar o esforço que alguns museus têm feito no sentido de desenvolvimento de estratégias que visam a desmistificação de estereótipos, o reconhecimento de grupos e/ou identidades diversas, a dinamização de políticas de representação de forma a torná-las mais justas e inclusivas, entre outros aspectos (CASTELLANO, 2014b).

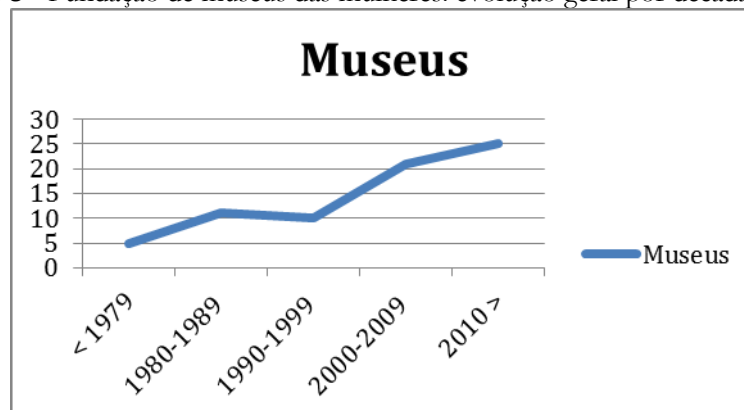
Quadro 2 - Datas de fundação de museus das mulheres no mundo: por décadas

	Museus	Museus Virtuais	Iniciativa	TOTAL	%
< 1979	5			5	6,3
1980-1989	11			11	13,9
1990-1999	10			10	12,7
2000-2009	13	3	5	21	26,6
2010 >	11	6	8	25	31,6
Sem informaç.	6		1	7	8,9
TOTAL	58	9	14	79	100

Fonte: <http://www.womeninmuseum.net/en/> (02 abr. 2015; 16:41)

Gráfico 2 - Fundação de museus das mulheres: evolução por tipologias e por décadas

Fonte: <http://www.womeninmuseum.net/en/> (02 abr. 2015; 16:41)

Gráfico 3 - Fundação de museus das mulheres: evolução geral por décadas

Fonte: <http://www.womeninmuseum.net/en/> (02 abr. 2015; 16:41)

No transacto ano de 2014 abriu ao público um dos últimos museus desta tipologia, o Kvinnohistoriskt museum / Museum of Women's History, na cidade sueca de Umeå, por ocasião da sua nomeação como capital europeia da cultura nesse ano⁵. De um modo geral, a abertura deste tipo de museus suscita resistências por parte das instituições oficiais. Em alguns casos, o tempo que medeia entre a proposta da sua criação e a efectiva abertura ao público prolonga-se por períodos superiores a dez anos, como é o caso, entre outros, do Museo de la Mujer da Argentina, sediado em Buenos Aires, o qual foi inaugurado no ano de 2006, dezassete anos após a proposta da sua criação, em 1989.

O aumento do número de museus da mulher a partir dos anos 1990 não é fruto do acaso... Trata-se de um fenómeno que tem por base o impulso dado, nessa década, aos estudos das mulheres e do género (teóricos e empíricos) em várias áreas do saber⁶, e a emergência do conceito de museologia de género⁷, o qual pressupõe a aplicação de perspectivas de género à museologia actual, ou seja, que se considere a condição feminina como eixo estruturante das colecções de museus, permanentes ou temporárias, bem como das atividades desenvolvidas no espaço museal, mais especificamente a feminização das funções de direção e de curadoria, consideradas indispensáveis à concretização de políticas de boas práticas⁸.

O novo enquadramento teórico resultou da convergência de diferentes factores, provenientes tanto da área específica da museologia como do campo dos estudos das mulheres e do género. Pode-se evocar a este propósito, no 1º caso, a emergência da nova museologia, a qual apela ao papel social e inclusivo dos museus, valências que vêm na sequência de decisões expressas na Carta de Santiago do Chile de 1972 e na Declaração de Quebeque de 1984, textos fundadores que, por um lado, instituem o museu integral, “ao serviço da sociedade”, e, por outro, vinculam os museus a novas funções sociais (RODRIGUEZ, 2010, p. 13), como agentes de comunicação e de intervenção social, tendo como epicentro o indivíduo e a comunidade, deixando o museu de ser encarado como mero local de armazenamento de colecções ou de memórias.

Já no que concerne aos estudos das mulheres e do género destacam-se, entre outros factores, o impulso dado, a partir dos anos 1970, pelos movimentos feministas ao estudo de um passado coletivo de ostracismo e, no tocante à ciência histórica propriamente dita, o desenvolvimento de novas áreas de pesquisa, que resultaram, em parte, de uma reação à ignorância, ao injusto esquecimento, senão mesmo a uma apreciação sistematicamente negativa da história das mulheres (Vaquinhas, 2005B, 125-127), bem como o deslocamento do objecto da pesquisa histórica dos acontecimentos de natureza política para os da vida

⁵ <http://www.kvinnohistoriskt.se> (02 abr. 2015; 12:12). O único museu que se reivindica exclusivamente de história de género localiza-se na cidade ucraniana de Kharkiv, tendo sido inaugurado no ano de 2008: trata-se do Museu da história do movimento feminista e de género: <http://www.grassrootsfeminism.net/cms/node/1194> (10 abr. 2013; 10:17).

⁶ “Chama-se género à masculinidade ou à feminilidade convencionadas socialmente, em contraste com o sexo que é o termo usado para designar as diferenças biológicas e fisiológicas entre homens e mulheres”. O conceito de *género* é mais abrangente do que a palavra sexo, ou seja, o primeiro é um dado cultural; o segundo um dado biológico. Nos anos noventa, a introdução do conceito de género no discurso historiográfico afectou, de uma forma significativa, a história das mulheres, quer fazendo avançar novas linhas de pesquisa, quer obrigando a reavaliar “as grandes questões da história”, conferindo espessura problematizante, partindo-se do pressuposto de que a diferença de sexos não é apenas um fenómeno natural mas uma construção cultural e histórica (VAQUINHAS, 2005a, p. 33-34).

⁷ Os estudos de género são mais abrangentes do que os que tratam especificamente sobre a história das mulheres e podem incidir sobre indivíduos ou grupos de lésbicas, gays e bissexuais, bem como membros de comunidades marginalizadas pelas suas práticas sexuais dissonantes das normas sociais (PINTO, 2012). Neste estudo circunscreve-se a análise à questão feminina.

⁸ De um modo geral, as áreas educativas dentro dos museus são bastante feminizadas.

privada e quotidiana (Vaquinhas, 2011A, 164-166), o que favoreceu o aparecimento de novas problemáticas centradas na construção social dos papéis sexuais.

A museologia de género resulta, por conseguinte, da convergência destas novas áreas de estudo e propõe um discurso crítico sobre o papel social e político dos museus na sociedade contemporânea, procurando, sobretudo – como já se salientou - resgatar a memória e os patrimónios femininos e dar visibilidade à participação das mulheres em todos os campos da vida social, tanto no passado como no presente. Trata-se, no entanto, de um campo de saber de escassa aplicação prática e sub-teorizado em termos de reflexão epistemológica, sobretudo se confrontado com outras áreas científicas, nas quais os estudos das mulheres e de género têm tido grande desenvolvimento, como é o caso, entre outras, da antropologia, dos estudos literários e linguísticos ou mesmo da história.

A criação desta categoria de museus tem levantado, no entanto, objecções teóricas e práticas. No primeiro caso, tanto é apontado o risco de encerrar as mulheres numa natureza biológica, fixa e imutável, alheia ao processo de construção social do género e ao efeito de forças transformadoras, como a identificação dos museus das mulheres com o feminismo, escamoteando-se a diversidade de propósitos a que estes podem obedecer. Quanto ao segundo aspecto, as objecções têm por fundamento o receio de que a fundação de museus das mulheres possa impedir a aplicação de princípios da museologia de género a outras tipologias museológicas (CASTELLANO, 2014a, p. 124-130; LORRIAUX, 2014).

3 OS PRINCIPAIS EIXOS ESTRUTURANTES DOS CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS DOS MUSEUS DAS MULHERES

Em termos de caracterização tipológica, a maior parte dos museus (cerca de 60%, Quadro 3) são de história e destacam como missão e eixos estratégicos determinadas linhas comuns: contribuir para a reescrita da história do respetivo país, região ou estado, incorporando a dimensão de género, assim como dar visibilidade ao protagonismo feminino nos vários campos da atividade social e cultural.

Quadro 4 – Tipologia dos museus da mulher e do género por principais áreas de actividade (valores percentuais)

Museus de História	31.6
Museus de História / Direitos e contra a discriminação	15.2
Museus de História e Arte	2.5
Museus de História e Etnografia	8.9
Museus de História e Mulheres Notáveis	1.3
Museus de Arte	10.1
Museus de Direitos e contra a discriminação	12.7
Museus de Etnografia	12.7
Museus de Mulheres Notáveis	5.1

Fonte: <http://www.womeninmuseum.net/en/> (02 abr. 2015; 16:41)

“Lutar contra o esquecimento” e “dar a conhecer as realizações femininas e o papel das mulheres na sociedade” são frases reiteradamente repetidas nos planos de missão destes museus, constituindo o resgate de informação e a reescrita das narrativas do passado

um denominador comum e um traço identitário, cuja especificidade é condicionada pelos distintos contextos geográficos e históricos. Esses parâmetros determinam a periodização coberta pelos museus, a qual incide, fundamentalmente, nos séculos XIX e XX, por se tratarem da época charneira do ativismo feminino, seja nos movimentos em prol da obtenção de direitos das mulheres, seja em outro tipo de ações colectivas como os movimentos abolicionistas.

Integram-se nesta tipologia vários museus americanos, tanto dos Estados Unidos, do Canadá, como da América Latina. No 1º caso, infantiza-se, a nível nacional ou local, a conquista de direitos, sociais e políticos⁹, e o pioneirismo feminino em vários campos, inclusive na aviação e na aeronáutica¹⁰, mas com particular incidência nos momentos fundadores do feminismo e do sufrágio¹¹. Nesta linha se enquadra uma categoria específica de museus que, tendo como epicentro os Estados Unidos da América¹², estão a ser replicados em outros pontos do globo, como sejam a Austrália e a Coreia do Sul¹³: são os “hall of fame”, ou seja, “passeos de la fama de mujeres, al estilo bulevar de las estrellas de Hollywood” (LÓPEZ-BONITO; LLONCH MOLINA, 2010, p. 17-18), destinados a homenagear, de uma forma pedagógica, mulheres que contribuíram para a evolução social em vários domínios, desde o político ao desportivo, passando pelas artes, entre outros.

Nos museus da América Latina valoriza-se, sobretudo, a intervenção feminina nos movimentos independentistas do século XIX, enquanto, em alguns museus asiáticos, o discurso expositivo tem como eixo central a violência exercida sobre a mulher, seja no caso do enfaixamento dos pés na China (Women Culture Museum, em Shaanxi), seja enquanto vítima da violência sexual em cenário de guerra (Women’s Active Museum of War and Peace, em Tóquio, no Japão e War and Women’s Human Rights Museum, em Seul, na Coreia do Sul). Dentro desta linha temática de denúncia da violência em contexto bélico, alguns museus de outras tipologias têm criado memoriais femininos, como é o caso, entre outros, do Anglo-Boer War Museum, na África do Sul, “dedicated to the women and children who suffered during the war”¹⁴.

Um número significativo de museus das mulheres estão associados a movimentos/grupos feministas, tanto pela ideologia que veiculam como por serem da sua

⁹ Também nos Estados Unidos da América existe o “Parque Histórico dos Direitos da Mulher”, em Seneca Fall, no estado de Nova York, marco fundador na história da emancipação feminina. Foi nesta localidade que, no ano de 1848, tiveram início os movimentos de mulheres, tendo-se aí realizado o 1º congresso feminista que se destinava a analisar a questão das mulheres à luz da Declaração de Independência dos Estados Unidos (1776). Desse congresso fundador nasceu a “Declaração dos Sentimentos”, onde se afirmava que “todos os homens e as mulheres nascem iguais” e se reivindicava para o sexo feminino “a obtenção imediata de todos os direitos e privilégios que o sexo masculino tinha, na sua qualidade de cidadão” (ROSE, 2001, 32-36; NASH, 2005, p. 79-84; <http://www.nps.gov/wori/index.htm> (20 abr. 2013; 17:51). Os museus desta temática do continente americano tendem a destacar o contributo feminino para a história dos respetivos países ou regiões, seja para a história do EUA, ou do Peru, seja para a história do estado de Alabama ou da região do Quebec.

¹⁰ É o caso do International Women’s Air & Space Museum <http://iwasm.org/wp-blog/> (22 abr. 2013; 11:54).

¹¹ Refira-se, a título exemplificativo, que uma das primeiras iniciativas do National Womens’s History Museum, de Washington, foi a colocação, na rotunda do Capitólio, de uma estátua comemorativa da obtenção do direito de voto pelas mulheres, dedicada a três sufragistas americanas do início do século XX. Sobre o assunto vd. Bard, 2002.

¹² Integram-se nesta categoria, entre outros, os seguintes museus: National Women’s Hall of Fame, cuja missão se define numa só frase: “Showcasing great women...Inspiring all!”; Connecticut Womens Hall of Fame; Alabama Women’s Hall of Fame; San Diego County Women’s Hall of Fame.

¹³ É o caso, entre outros, do The National Pioneer Women’s Hall of Fame (Australia), Women’s History Exhibition Hall (Seoul, Korea); Women’s History Exhibition Hall (Sudan).

¹⁴ <http://www.wmbr.org.za/> (12 abr. 2015; 12:52).

iniciativa, estando a sua missão orientada para a luta contra as discriminações de género na sociedade contemporânea, ainda que historicizando situações do passado¹⁵.

Uma outra vertente destes museus, sem marginalizar as preocupações atrás mencionadas, tem como prioridade a vida privada e quotidiana (trabalho, família, vida doméstica, corpo e nascimento, entre outras matérias), incluindo temas ligados à evolução histórica da moda e dos ornamentos femininos. De base histórica ou histórica e etnográfica, integram-se nesta categoria, entre outros, os museus da mulher da Dinamarca, da Noruega ou do Vietnã¹⁶ ou, no caso específico da moda, o Museo della Moda de Merano, no qual se expõe, pela via da moda, a evolução da condição feminina ao longo do tempo.

A colaboração estreita com historiadores é uma das traves-mestras de alguns destes museus, com impacto na dinamização de projetos de investigação, na organização de exposições e na criação de museus virtuais. Entre outros casos que se poderiam referir, salientam-se o projecto intitulado “Libertadoras”, fruto de uma parceria do Museo de la Mujer da Argentina com o Departamento de Estudos Espanhóis, Portugueses e Latino-Americanos da Universidade de Nottingham (Reino Unido)¹⁷ e a exposição virtual “Patrimonio en femenino”, organizada pela Direcção Geral de Belas-Artes e Bens Culturais de Espanha em parceria com o Instituto de Investigações Feministas da Universidade Complutense de Madrid¹⁸, a qual disponibiliza *on line* catálogos de visitas temáticas às colecções de dois dos principais museus de Madrid (Museu Nacional do Prado e Museu Nacional Centro de Arte Reina Sofia), organizadas sob o título “itinerários femininos”¹⁹. Convém também mencionar o museu virtual Musea, criado no ano de 2004, pelos departamentos de História e de Tecnologias da Informação e da Comunicação das universidades de Angers e Virtual en pays de la Loire (França). Através da reprodução digital de obras, de objetos e de testemunhos, bem como de extratos sonoros e de vídeos, tem-se procurado mostrar o contributo feminino em várias áreas do conhecimento, com relevo para a história do feminismo. Embora este esteja, e de acordo com as palavras das suas criadoras, “um pouco envelhecido” (Lorriaux, 2015), apoiou-se, em grande parte, no trabalho desenvolvido por duas associações da área de história: Archives du féminisme, a qual tem como prioridade a recolha documental e o estudo dos movimentos feministas, e a associação Mnémosyne (Association pour le développement de l’histoire des femmes et du genre) (*Associations*, 2003, 266-267). Não surpreende, por conseguinte, a participação de reputadas historiadoras da área dos estudos das mulheres e de género nas comissões

¹⁵ De entre o leque de associações que estão na base de criação de museus da mulher ou que os projectam abrir pode-se referir, entre outras, a Associação “Museo de Hechos Y Derechos de las Mujeres” (Alicante, Espanha)

¹⁶ É o caso do The Southern Women's Museum, Vietnam.

¹⁷ Museo de la Mujer (Argentina) www.museodelamujer.org.ar/ (10 abr. 2013; 20:21).

¹⁸ Patrimonio en femenino: http://www.mcu.es/novedades/2011/novedades_patrimonio_femenino.html. Sobre o acesso aos catálogos veja-se <http://www.mecd.gob.es/cultura-mecd/areas-cultura/museos/mc/ceres/catalogos/catalogos-tematicos/patrimoniodefemenino/ausenciassilencios/acceso-a-la-exposicion.html> (27 abr. 2015; 10.04).

¹⁹ Os “itinerários femininos” no Museu Nacional do Prado, em Madrid, estão subordinados aos seguintes assuntos: “Autoridad y poder”, “Ciencia y Edición”, “Creación y Espectáculo”, “Trabajo y Labor”, “Derechos e Igualdad”: <http://www.museodelprado.es/educacion/educacion-propone/itinerarios/los-trabajos-de-las-mujeres> (27 abr. 2015; 10.12); <http://www.museodelprado.es/educacion/educacion-propone/itinerarios/las-mujeres-y-el-poder> (27 abr. 2015; 10.12); <http://www.museoreinasofia.es/visita/tipos-visita/visita-comentada/feminismo> (27 abr. 2015; 10.12). O Museu Nacional Centro de Arte Reina Sofia propõe também uma leitura feminista da sua colecção intitulada “Feminismo. Una mirada feminista sobre las vanguardias”, a qual, segundo Cristina Castellano “renouvelle la vision national de l’Espagne” (CASTELLANO, 2014a, 129).

científicas deste tipo de museus, como é o caso, entre outras, de Karen Offen, docente da universidade de Stanford e consultora do International Museum of Women, de São Francisco (E.U.A.), ou de Christine Bard e Nicole Pellegrin, fundadoras e dinamizadoras do museu virtual Musea²⁰.

Os museus que qualifiquei como sendo de “direitos das mulheres e contra a discriminação” têm como principal missão contribuir ou dar testemunho de iniciativas recentes, sobretudo de responsabilidade social envolvendo o sexo feminino. O diálogo entre gerações, grupos étnicos ou religiosos, o combate à violência sexual, incluindo a violência doméstica ou a problematização das relações entre os sexos e as instituições de poder, constituem linhas de força desta tipologia de museus, os quais estão estreitamente vinculados à sociedade contemporânea. Como exemplos representativos podem-se mencionar o International Museum of Women, em São Francisco (EUA), o Womens’ Museum em Instambul (Turquia) ou, para o caso da temática da violência doméstica, o Gender Museum, na Ucrânia.

Já os museus de arte visam mostrar a produção artística feminina, preservar o património constituído no campo das artes plásticas e assegurar a sua exposição. A este nível convém associar um grupo artístico – as Guerrilla Girls – mulheres com máscara de gorila que, através do humor e da arte (cartazes, perfoances...), denunciam, entre outros aspectos, a exclusão e a discriminação de género no universo artístico americano, incluindo museus²¹. Segundo a investigadora Cristina Castellano, trata-se de um campo de evolução lenta, uma vez que, no ano de 2010, a percentagem de mulheres artistas representadas nos museus dos Estados Unidos era de apenas 5% (CASTELLANO, 2014a, 117).

Os museus de arte constituem uma categoria de museu que recorre largamente às novas tecnologias multimédia e à linguagem audiovisual não apenas como meios auxiliares da comunicação expositiva mas também como instrumentos simbólicos. A desmaterialização feita pelos audiovisuais pretende também ser uma metáfora dos vestígios e das fontes para a história das mulheres, sempre ténues e difíceis de recuperar, ao mesmo tempo que a justaposição de obras de arte contemporâneas com outras de épocas anteriores visa significar que as histórias que se narram não pertencem exclusivamente ao passado e que se podem conjugar no tempo presente (MIRKIN, 2011).

Aliás, de um modo geral, o simbolismo e a metáfora têm, nos museus da mulher, um lugar cativo, seja no discurso expositivo, seja nos edifícios, sendo frequente a recuperação de instalações associadas, de um modo geral, a indizíveis sofrimentos, como prisões, asilos e conventos. Já na criação de cenografias joga-se com a articulação entre os espaços carcerais, a disciplinarização e o controlo do corpo feminino ao longo do tempo. Ainda no âmbito dos museus de arte, se incluem as casas-museu de artistas, sendo uma das mais conhecidas, a nível mundial, a da pintora Frida Kahlo, na cidade do México²².

Quanto às exposições temporárias que se reinvidicam inspiradas na museologia de género e/ou na museografia feminista não são frequentes, sendo mais comuns em museus das mulheres ou de arte contemporânea. Uma vez que esta matéria não é o objetivo central

²⁰ <http://www.mnemosyne.asso.fr/index.php?page=journee-d-etude-2013> (17 abr. 2013; 11.40).

²¹ O agrupamento artístico Guerrilla Girls, segundo o site consultado, nasceu, nos Estados Unidos da América, em reação a uma exposição realizada, no ano de 1985, no Museu of Modern Art, de Nova York, na qual se pretendia reunir os artistas mais significativos da arte contemporânea. Dos 169 artistas expostos, apenas 13 (7,7%) eram do sexo feminino e todos, sem exceção, eram de raça caucasiana (http://obviousmag.org/archives/2011/07/guerrilla_girls_gorilas_justiceiras_no_mundo_da_arte_1.html#ixzz2RqdH0b3y). Sobre o assunto veja-se também Guerrilla Girls. 2012. *The Guerrilla Girls' Art Museum Activity Book*, Printed Matter, Inc.; <http://www.guerrillagirls.com/> (27 abr. 2015; 13.57).

²² La casa azul: el museo de Frida Kahlo: <http://www.museofridakahlo.org.mx/> (22 abr. 2013; 13:45).

deste artigo, não procedi a um estudo aprofundado, deixando apenas registados breves apontamentos.

4 AS QUESTÕES DE GÉNERO EM EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS: BREVES CONSIDERAÇÕES

A preocupação pelas questões de género em exposições museológicas tem vindo a ser progressivamente assumida pela museologia contemporânea, em particular pela museologia social²³. Exige, no entanto, o comprometimento dos museólogos com aquela problemática e, muito em particular, como sugere Pollock (POLLOCK, 2007), “a elaboração de um discurso expositivo *genderizado* e inclusivo” (RECHENA, 2013, p. 377-378). A sua introdução nas exposições ou na função museológica da comunicação no espaço museal implica, para além do aspecto atrás referido, a “eliminação de estereótipos de género na comunicação; a adequação da linguagem expositiva a todos os estratos sociais, contemplando as distinções entre homens e mulheres; a realização de exposições com perda do tom de neutralidade e com carácter geral”, entre outras sugestões de caminhos possíveis para a integração da museologia de género nas exposições temporárias (RECHENA, 2013, p. 377-378).

Alguns autores também propõem, como forma de se estabelecer o protagonismo feminino nos museus, entre outras vias, dar visibilidade à mulher artista, às colecionadoras, às mecenas, às curadoras, às museólogas²⁴, às trabalhadoras em geral (auxiliares, administrativas, técnicas de restauro, etc.)²⁵, bem como às voluntárias que prestam serviços (visitas guiadas, apoio de conferências ou *ateliers* e *workshops*) (PEYRIN, 2008, p. 65-85)²⁶.

Não se dispõe de muitos estudos sobre a evolução do pessoal técnico dos museus ao longo do tempo. Segundo a historiadora Aurélie Peyrin, foi pela via do voluntariado feminino que as mulheres começaram a ingressar nos museus americanos e franceses no início do século XX. Na opinião desta autora, o voluntariado inscreve-se na definição que Michelle Perrot dá de “trabalho feminino”, ao enquadrá-lo no prolongamento das “funções naturais da mulher”, maternais e domésticas (Perrot, 1987, 3-8)²⁷.

Já o colecionismo feminino tem raízes antigas, remontando, pelo menos nos países ibéricos, ao século XV. Maria Bolaños Atienza, reportando-se ao caso espanhol, qualifica a colecionadora-tipo dos tempos mais recuados de doméstica, herdeira de legados e agindo por dever familiar (ATIENZA, 2011, p. 36-41). A formação de coleções por mulheres é mais tardia, sendo, sobretudo, um fenómeno da época contemporânea (séculos XIX e XX)²⁸. O colecionismo integra-se na lógica das classes médias, no culto do lar e do conforto, aspectos significativos da importância assumida pela vida privada no século de

²³ Para algumas exposições temporais reveladoras desta problemática, veja-se, entre outros, o site patrimonio en femenino.

²⁴ Uma outra possibilidade é a análise da participação feminina nas estruturas dirigentes de instituições museológicas internacionais (Portes; Raffin, 1991, 129-132).

²⁵ Nos museus espanhóis estatais, no ano de 2011, as mulheres, segundo Rosa Maria Arjona Cano, constituíam 66,4% de todo o pessoal trabalhador (Cano, 2011, 83).

²⁶ No Japão, país onde o número de museus é considerável, o corpo de voluntários em museus era, nos anos 1990, maioritariamente constituído por mulheres (Matsushita, 1991, 144).

²⁷ Trata-se de um discurso que subentende qualidades atribuídas a cada sexo, sendo reconhecido ao sexo feminino a gentileza, a destreza de mãos, a paciência e a docilidade, o que determinaria, ao tempo, a separação entre profissões femininas e profissões masculinas.

²⁸ Sobre o colecionismo de arte moderna e contemporânea, onde figuram, ao nível internacional, alguns casos bem conhecidos de colecionadoras, como Peggy Guggenheim, veja-se, entre outra bibliografia, Duarte, 2012.

oitocentos (VAQUINHAS, 2011b, p. 454-464). Indo ao arrepio de uma ideia convencional de que o homem é colecionador e a mulher consumidora, numerosos autores têm equacionado, nos últimos tempos, em novos moldes, o colecionismo feminino e a cultura material associada às mulheres. Os trabalhos feitos à mão²⁹, os “mil e um pequenos nadas” por vezes tão ironizados, seja por motivos financeiros, seja por simples entretenimento, foram, em numerosos casos, embriões de coleções (EDWARDS, 2008, p. 50). A própria noção de conforto exigia, ao tempo, a acumulação de peças (o gosto pelo brigue-à-brac de que falam alguns autores), entre os quais, porcelanas, obras de arte, livros, ou outros objetos que favoreciam a constituição de coleções e de verdadeiros “museus interiores” (CORBIN, 1990, p. 496-501), para os quais as mulheres parecem ter tido uma intervenção maior do que se supunha.

Muitos outros aspetos poderiam ser explorados. Porém, sob o ponto de vista da museologia de género, o que se pretende é recuperar a voz e o labor femininos dentro dos museus, desconstruir os discursos e convertê-los em mote de exposições, de maneira a que não se perpetue o silenciamento das mulheres.

5 CONCLUSÃO

Vá ao museu mais perto de si e conte os trabalhos assinados por mulheres... O desafio lançado pelas Guerrilla Girls há alguns anos mantém-se atual: como caracteriza a museóloga Maria Bolaños Atienza, a relação das mulheres com os museus define-se pela ausência (ATIENZA, 2011, p. 36-41), sobretudo ao nível dos discursos expositivos, se bem que, quanto aos corpos técnicos e profissionais, se tenham registado alterações significativas.

Porém, sendo os museus lugares de memória, importa introduzir pontos de vista tendentes à paridade, de modo a que também reflitam o protagonismo feminino no processo da construção humana. O arquétipo dos grandes museus da Europa ocidental (Museu Britânico, Louvre, Pergamon...) e que haveriam de conformar a sociedade moderna, refletem pontos de vista, no dizer de Marián López Fernández Cao, “profundamente androcêntricos” (CAO, 2011, p. 78).

Tendo constituído elementos fundamentais na formação dos nacionalismos e dos colonialismos (LEVIN, 2010, p. 1-2), exibindo os espólios das conquistas e os pontos de vista dos *vencedores*, subentendem um discurso de género que valoriza a masculinidade e as funções militares, excluindo as mulheres ou associando-as à vida privada e doméstica. Fundamentado em princípios darwinistas, o discurso ideológico que veiculam pressupõe hierarquias entre as raças, entre as nações e entre os sexos (CAINE; SLUGA, 2000, p. 111-122), que se traduzem em narrativas que marginalizam as mulheres. A introdução do conceito de género no vocabulário corrente dos feminismos nos anos 1960 veio imprimir a várias ciências humanas e sociais uma profunda renovação. Ao pôr em causa o determinismo biológico, obrigou a questionar a construção social das diferenças sexuais e as suas consequências nas partilhas do poder, na influência política e no diferente acesso aos recursos económicos, bem como o seu impacto na produção do conhecimento científico e tecnológico. Nos anos 1980-1990, o conceito de género, enquanto *construto social*, entrou na linguagem museológica afetando positivamente os discursos expositivos de alguns museus ou fazendo emergir uma nova tipologia de museus. Estes enquadram-se

²⁹ A personalização das peças feitas à mão constitui uma das manifestações da individualidade e da afirmação do eu, características do período do liberalismo. Trata-se também de uma expressão da “cultura material do amor”, uma vez que se trata de artefactos fortemente investidos de valores afetivos e com objetivos específicos.

num processo mais vasto de reabilitação do feminino e têm desempenhado um papel importante não apenas no próprio desenvolvimento geral dos temas históricos mas também na formação da consciência feminista, contribuindo para uma mais larga compreensão da desigualdade dos sexos. Na atualidade, os museus da mulher e/ou do género estão a abrir novos caminhos tanto no campo especificamente historiográfico como no levantamento de problemáticas que ajudam a compreender o modo como as mulheres modelaram as suas vidas e as articularam (e articulam) com as mudanças sociais. Enfim, tomando de empréstimo a célebre frase de Virginia Woolf, poder-se-á concluir que tem havido um intenso esforço colectivo no sentido de obtenção de *museus para elas...*

**WOMEN'S MUSEUMS TODAY:
THEIR CREATION, OBJECTIVES AND CONTRIBUTION TO HISTORY**

Abstract

This paper provides an overview of the main women's museums existing worldwide, taking as its source the International Association of Women's Museums. It also explores the history of their creation and problematises their relationship with women's history and the concept of gender museology. It examines the principal vectors, missions and strategic lines of this category of museum and the structural themes of their respective permanent exhibitions, assessing the main approaches that have been identified for applying gender concepts to museum space.

Keywords: *Women's and gender museums. Gender museology. History of women and gender.*

REFERÊNCIAS

Armitage, Susan. 2005. "Introduction", Victor J. Danilov, *Women and museums. A comprehensive guide*, Oxford, Altamira Press, 1-10.

"Associations; Sites internet". 2003. In *Clio. Histoire, femmes et sociétés*, n° 18. 266-269.

Atienza, Maria Bolaños. 2011. Las mujeres en los museos: entre museólogas y coleccionistas. In *Patrimonio en femenino*. Madrid: Ministerio de la Cultura, 36-41 (<http://www.mcu.es/museos/MC/PatrimonioFemenino/>) (28-04-2013; 09.14).

Bard, Christine. 2002. Les musées des femmes à l'étranger. In *Bulletin Archives du Féminisme*, N° 3. Janvier (http://www.archivesdufeminisme.fr/article.php3?id_article=24) (21-03-2013; 14.29).

Caine, Barbara; Sluga, Glenda. 2000. *Género e historia. Mujeres en el cambio sociocultural europeo, de 1780 a 1920*. Madrid: Narcea, S.A. de Ediciones.

Cano, Rosa Maria Arjona. 2011. Las mujeres como personal de museos. In *Patrimonio en femenino*, Madrid: Ministerio de la Cultura. 83-86 (<http://www.calameo.com/read/0000753353fdf029c796c>) (28-04-2013; 15.24).

Cao, Marián López Fernández. 2011. Es necessarui un museo de mujeres?. In *Patrimonio en femenino*. Madrid: Ministerio de la Cultura. 77-81 (<http://www.mcu.es/museos/MC/PatrimonioFemenino/>) (28-04-2013; 15.30).

Castellano, Cristina. 2014A. Genre et musées, in *Genre, sexe et égalité. Étude critique de nos rôles sociaux*. Sous la direction de Aline Caillet et Christophe Genin, Actes du Colloque à côté du genre, L'Harmattan, 115-130 (https://www.academia.edu/3530438/Genre_et_musées_Gender_and_Museums_Género_y_Museos; 21-04-2015; 15.52).

Castellano, Cristina. 2014B. Musée de la femme? Hégémonies, frontières et alliances culturelles en muséographie contemporaine. *Journées d'études des doctorantes, Le Centre de Recherche en Études Féminines et de Genre*, CRESPPA-GTM, Université de Paris 8 Juin 2012 (https://www.academia.edu/1776644/Musée_de_la_femme_Hégémonies_frontières_et_alliances_culturelles_en_muséographie_contemporaine; 29-04-2015; 15.05).

Corbin, Alain. 1990. O segredo do indivíduo. In *História da vida privada. Da Revolução à Grande Guerra*. vol. 4. Sob a direcção de Ariès, Philippe; Duby, Georges. Lisboa: Círculo de Leitores, 419-501.

Duarte, Adelaide Manuela da Costa. 2012. *Da coleção ao museu. O colecionismo privado de arte moderna e contemporânea em Portugal, na segunda metade do século XX. Contributos para a história da museologia*, Coimbra: Faculdade de Letras (tese de doutoramento).

Edwards, Clive. 2008. Women's home-crafted objects as collections of culture and confort, 1750-1900. In Potvin, John and Myzelev, Alla (Edited by), *Material cultures 1740-1920. The meanings and pleasures of collecting*. Farnham – England / Burlington – USA: Ashgate Publishing Limited, 37-52.

Goggin, Maureen Daly; Tobin, Beth Fowkes (edited by), 2009. *Women and things, 1750-1950. Gendered material strategies*, Abingdon: Ashgate.

Goggin, Maureen Daly; Tobin, Beth Fowkes (edited by). 2009. *Material Women, 1750-1950. Consuming desires and collecting practices*. Farnham – England / Burlington – USA: Ashgate Publishing Limited.

Greenberg, Reena. 1992. Dedans / dehors: les musées, les femmes et la fausse publicité. In *Musée*. vol. 14. n° 1. Mars. 22.27 (www.yorku.ca/reerden/.../dedans_dehors.html) (24-03-2013; 10.30).

Guerrilla Girls. 2012. *The Guerrilla Girls' Art Museum Activity Book*, Printed Matter, Inc.

Lévin, Amy K. (ed.). 2010. Introduction. In *Gender, sexuality, and museums*. New York: Routledge, 1-2.

Llonch Molina, Nayra; López Benito, Victoria, “La mujer, agente generador de nuevas realidades museísticas”, *Her & Mus, Heritage and Museography*, n° 3, enero-febrero de 2010, 5-6 (www.trea.es/material/descargas/5-6.pdf her&mus, n.º 3, 2010).

López Benito, Victoria; Llonch Molina, Nayra. 2010. “Una panorámica de los museos de mujeres en el mundo”, *Her & Mus, Heritage and Museography*, n° 3, enero-febrero de 2010, 12-18 (www.trea.es/material/descargas/5-6.pdf her&mus, n.º 3, 2010).

Lorriaux, Aude. 2015. Pourquoi nous n'avons pas de musée des femmes en France? (<http://www.slate.fr/story/99029/pourquoi-musee-femmes-france>: 21-04-2015; 16.07).

Maalouf, Muriel. 2014. "La Suède ouvre son premier musée de la femme", http://www.rfi.fr/europe/20141205-suede-premier-musee-femme-Umea-capitale-culturelle-europeenne-2014/?&_suid=142807924299902602734346874058 (03-04-2015; 17.42).

Matsushita, Tomoko. 1991. Japon: les bénévoles du Musée Nationale des Sciences. In *Museum*. Les musées au féminin. N.º 171 (nº 3), 144.

Mendes, J. Amado. 2009. Ecomuseus e museus de sociedade. Cultura e saber-fazer. In *Museus e educação (Estudos: humanidades)*, Coimbra: Imprensa da Universidade, 61-71.

Nash, Mary. 2005. *As mulheres no mundo. História, desafios e movimentos*. Vila Nova de Gaia: Editora Ausência.

Nuevo Gómez, Alejandro; Moreno Conde, Margarita. 2011-2012, Con voz de mujer. Patrimonio en Femenino, primera exposición en línea de la Red Digital de Colecciones de Museos de España in *Museos.es*, nº 7/8, 298-307.

Perrot, Michelle. 1987. Qu'est-ce qu'un métier de femme?. In *Le Mouvement Social*. nº 140. Juillet-Septembre, 3-8.

Peyrin, Aurélie. 2008. Démocratiser les musées : une profession intellectuelle au féminin. In *Travail, genre et sociétés* 1. (Nº 19). 65-85 (URL : www.cairn.info/revue-travail-genre-et-societes-2008-1-page-65.htm. DOI : [10.3917/tgs.019.0065](https://doi.org/10.3917/tgs.019.0065)) (28-04-2013; 10.12)

Pinto, Renato. 2012. Museus e diversidade sexual. Reflexões sobre mostras LGBT e *queer*. In *Arqueologia Pública*. Campinas. N.º 5. http://www.nepam.unicamp.br/arqueologiapublica/artigos/artigo4_5.pdf (02-05-2013; 15:31).

Pollock, Griselda. 2007. *Virtual Feminist Museum. Time, space and archive*. London and New York: Routledge.

Porter, Gaby. 1991. Comment les femmes sont-elles représentées dans les musées d'histoire britanniques?. In *Museum*, Les musées au féminin, N.º 171 (nº 3), 159-165.

Portes, Elisabeth; Raffin, Anne. 1991. Les femmes à l'ICOM. In *Museum*, Les musées au féminin. N.º 171 (nº3), 129-132.

Potvin, John and Myzelev, Alla (Edited by). 2008. *Material cultures 1740-1920. The meanings and pleasures of collecting*. Farnham – England / Burlington – USA: Ashgate Publishing Limited.

Rechena, Aida. 2011. Teoria as representações sociais: uma ferramenta para a análise de exposições museológicas. In *Cadernos de sociomuseologia*. nº 41. 211-244 (Teoria as

Representações Sociais: uma ferramenta para a análise... revistas.ulusofona.pt › Início › n. 41 (2011) › Rechená (28-04-2013; 13.24).

Rechená, Aida. 2013. “Contributo para a visibilidade das mulheres em exposições museológicas”, *Mulheres: feminino, plural*, Coord. Cristina Santos Pinheiro; Anne Martina Emonts; Maria da Glória Franco; Maria João Beja, Funchal, Nova Delphi, 368-380.

Rodriguez, Andréia da Fonseca. 2010. *Gênero no espaço do Museu: uma leitura social da exposição “Entre rendas, chapéus e boas maneiras”*. Pelotas / RS: Museu Municipal Parque da Baronesa. Universidade Federal de Pelotas (museologiaufpel.files.wordpress.com/2010/09/**andreia**.pdf (13-03-2013).

Rose, Vivien Ellen. 2001. Le Parc Historique national des droits de la femme: où les “droits” sont notre mission. In *Museum International*. Nº 209 (vol. 53, nº 1), 32-36.

Schonweger, Astrid. 2010. “Network Woman in Museum. Museos de las mujeres se conectam entre si”, *Her & Mus, Heritage and Museography*, nº 3, enero-febrero de 2010, 55-66 (www.trea.es/material/descargas/5-6.pdf her&mus, nº 3, 2010).

Skjoth, Lise. 1991. Introduction de la cordonnatrice du présent número. Un inédit. In *Museum*, Les musées au féminin. Nº 171 (nº3), 124-125.

Szperling, Cecilia. 2010. Encuentro de museos de mujeres. In *Clarín.com*. Lunes. 31 de Mayo. http://www.clarin.com/sociedad/Encuentro-museos-mujeres_0_271772890.html?print=1 (03-04-2013: 15.18).

Tejero Coni, Graciela. 2010. “Museo de mujeres: un camino a recorrer en América latina”, *Her & Mus, Heritage and Museography*, nº 3, enero-febrero de 2010, 43-47 (www.trea.es/material/descargas/5-6.pdf her&mus, nº 3, 2010).

Vahé, Isabelle. 2009. Le 2e congrès des Musées de Femmes. Bonn, 9-11 septembre 2009. In *Genre & Histoire*. Nº 5. Automne.

Vaquinhas, Irene. 2005A. *As mulheres no mundo contemporâneo. História comparada*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Vaquinhas, Irene. 2005B. Linhas de investigação para a história das mulheres nos séculos XIX e XX. Breve esboço. In *Nem Gatas Borracheiras, Nem Bonecas de Luxo. As Mulheres Portuguesas Sob o Olhar da História (Séculos XIX-XX)*. Lisboa: Livros Horizonte, 125-153.

Vaquinhas, Irene. 2011a. Estudos sobre as mulheres a área de história. In “*Senhoras e mulheres*” na sociedade portuguesa do século XIX. 2º edição. Lisboa: Edições Colibri, 2011, 163-184.

Vaquinhas, Irene. 2011b. Em torno dos objectos da vida privada. In *História da Vida Privada em Portugal, A Época Contemporânea*. Lisboa: Círculo de Leitores, 454-464.

Vaquinhas, Irene. 2014. “Museus do feminino, museologia de género e o contributo da história”, *MIDAS* [Online], 2014, pp. 1-13 URL: <http://midas.revues.org/603>; DOI: 10.4000/midas.603.

Yajun, Qu, The three kinds of female discourse system in China and three correspondent constructions of museums (https://mecon.nomadit.co.uk/.../conference_epaper_download.php5?... MIMEType...; 04-04-2015; 16.29).

WEBGRAFIA

Alabama Women’s Hall of Fame: <http://www.awhf.org/> (10-04-2013; 15:06; 06-04-2015: 10.37).

Anglo-Boer War Museu: <http://www.wmbr.org.za/> (12-04-2015; 12.52).

Associazione Museo delle Donne del Mediterraneo – “Calmana”_ <http://donnedinapoli.coopdedalus.org/8328/associazione-museo-delle-donne-del-mediterraneo-calmana/> (06-04-2015; 14.04).

Chinese Museum of Women and Children: http://ccwm.china.com.cn/txt/2010-09/28/content_3748158.htm (02-04-2015; 18.16).

Das Haus der FrauenGeschichte (HdFG): <http://www.hdfg.de> (04-04-2015; 17.46).

Das Verborgene Museum, Berlin: <http://www.dasverborgenemuseum.de> (03-04-2015; 10.44).

Dragomiresti – The Museum of the Romanian Peasant Woman in Maramures: http://visitransilvania.ro/detail_attraction.php?language=english&district=Maramures&id=215 (03-04-2015; 17.19).

Europäische Frauen Aktion e.V. – efa / The European Women Action (EFA) Cooperative Association for Women's Culture: <http://www.efakultur.eu/> (07-04-2015; 14.29).

FemArtMuseum: <http://www.femartmuseum.com> (06-04-2015; 13.16).

Feminoteka – Women’s History Museum: <http://www.feminoteka.pl> (06-04-2015; 11.34).

FrauenFreiluftGalerie Hamburg: <http://www.frauenfreiluftgalerie.de/> (07-04-2015; 14.52).

Frauenmuseum Berlin: <http://www.frauenmuseumberlin.de> (04-04-2015; 17.55).

Frauenmuseum: <http://www.frauenmuseum.com> (03-04-2015; 11.19).

Frauen Museum Wiesbaden: <http://www.frauenmuseum-wiesbaden.de> (03-04-2015; 11.39).

Frauen & Geschichte Baden-Württemberg e. V: <http://frauen-und-geschichte.de/cms/website.php?id=index.htm> (07-04-2015; 14.50).

Frauenwelt. Ein Dokumentationszentrum der Halbe der Menschheit e.V: <http://www.frauenwelt.org/> (06-04-2015; 13.47).

Fundacja Przestrzen Kobiet – Women's Space Foundation: <http://www.przestrzenkobiet.pl/> (06-04-2015; 17.49).

Gender Museum: <http://www.uibk.ac.at/fbi/index.html> (06-04-2015; 13.34).

Gender Museum - Museum of history of feminist and gender movement (Kharkiv, Ukraine) <http://www.grassrootsfeminism.net/cms/node/1194> (10-04-2013; 10:17); (03-04-2015; 17.22).

Guerrilla Girls: <http://www.guerrillagirls.com/> (27-04-2015: 13.57).

Het vrouwenhuis (Women's House): <http://www.vrouwenhuiszwolle.nl> (03-04-2015; 12.57).

<http://israel21c.org/social-action-2/celebrating-womens-role-at-a-new-israeli-museum/> (17-04-2013; 13.58).

<http://iwasm.org/wp-blog/> (22-04-2013; 11:54).

<http://kvindemuseet.dk/uk/> (10-04-2013; 14:15); <http://kvindemuseet.dk/dk.aspx> (03-04-2015; 11.32).

<http://musea.univ-angers.fr/> (11-04-2013; 14:15).

http://obviousmag.org/archives/2011/07/guerrilla_girls_gorilas_justiceiras_no_mundo_d_a_arte_1.html#ixzz2RqdH0b3y (28-04-2013; 12:15).

<http://theautry.org/explore/exhibits/expanded/>. (22-04-2013; 12:14).

<http://va.www.mcu.es/museos/MC/PatrimonioFemenino/Enlaces.html> (12-04-2013; 14:02).

http://wcm.snnu.edu.cn/e_museum.asp 17-04-2013; 14:47)

http://www.frauenmuseum.de/en/frauenmuseen_weltweit.php (17-04-2013; 13.39).

<http://www.google.pt/#q=Women+Culture+Museum+> (10-04-2013; 17:15).

<http://www.grassrootsfeminism.net/cms/node/1194> (10-04-2013; 10:17).

<http://www.ibermuseum.org/es/noticias-es/patrimonio-en-femenino-2/> (28-04.2013: 10:15).

<http://www.icvbulletin.org/index.php/istanbul-news/554-the-womens-museum-istanbul-is-opened> (17-04-2013; 15:48)

<http://www.kvinnemuseet.no/?q=node/45> (17-04-2013; 15:04).

<http://www.mcu.es/museos/MC/PatrimonioFemenino/> (22-04-2013: 21:23).

http://www.mcu.es/novedades/2011/novedades_patrimonio_femenino.html (22-04-2013: 21:10).

<http://www.mfa.gov.il/MFA/IsraelExperience/Museum-of-Israeli-women-23-October-2012> (10-04-2013; 10:05).

<http://www.museodemujeres.com/> (16-04-2013; 12:31).

<http://www.museofridakahlo.org.mx/> (22-04-2013: 13:45).

<http://www.mecd.gob.es/cultura-mecd/areas-cultura/museos/mc/ceres/catalogos/catalogos-tematicos/patrimoniofemenino/presentacion/enlaces-a-museos-de-mujeres.html> (02-04-2015; 16:41)

<http://www.nmwa.org/> (12-04-2013; 15:05).

<http://www.nps.gov/wori/index.htm> (20-04-2013; 17:51).

<http://www.womeninmuseum.net/blog/> (12-04-2013; 16:05).

ICWA International Center for Women Artists – UNESCO: <http://www.icwajordan.org/> (03-04-2015; 17:53).

Interessengemeinschaft Frau und Museum: http://www.anwenvererber.ch/page.php?id=institutionen_detail&institution=52 (06-04-2015; 17:57).

International Association of Women's Museums (IAWM): www.nwhm.org/ (02-04-2015; 16:41).

International Museum of Woman (San Francisco) <http://www.imow.org/home/index> (17-04-2013; 16:35).

Kvinnemuseet: <http://www.kvinnemuseet.no> (03-04-2015; 14:13).

Lost Space? Frauen im öffentlichen Raum: <http://lostspace.weblog.mur.at/> (07-04-2015: 14:04).

Maison Louise de Bettinies http://saintamand.techmarketing.fr/index.php?option=com_content&view=article&id=9&Itemid=85 (17-04-2013; 12:02).

Mama Africa - Women's Museum and Art Centre Mrs. Isha Fofana: <http://www.accessgambia.com/extra/mama-africa-womens-museum-art-centre.html> (10-04-2013; 15:33).

Miegunyah Queensland Women's Historical Association. <http://www.miegunyah.org/> (12-04-2015; 17.18).

Mirkin, Dina Comisarenco. 2011. *Resignificando espacios: los museos de la mujer en México y Argentina* [PDF]. 2011. Resignificando espacios: los museos de la mujer en México y... www.museodemujeres.com/.../034_Resig... - México (06-04-2013; 18:23).

MujeresNet: <http://www.mujeresnet.info/> (04-04-2015; 16.41).

Musea: <http://musea.univ-angers.fr/> (06-04-2015; 12.12).

Musée de la Femme sénégalaise "Henriette Bathily": <http://mufem.org/> (10-04-2013; 16:14). (<http://www.mufem.org/>: 12-04-2015; 11.59).

Musée des civilisations de Côte d'Ivoire: <http://www.fondationtapa.org/pages/nos-musees/musee-des-civilisations-de-cote-d-ivoire.html> (10-04-2013; 16:34).

Museo Etnológico de la mujer Gitana: <http://www.mujeresgitanasromi.org> (03-04-015; 10.39).

Museo della donna (Merano – Italia) <http://www.meran.eu/cultura-tradizione/musei/museo-delle-donne/> (17-04-2023; 15:54); <http://www.museia.it> (03-04-2015; 10.49).

Museo delle Donne di Milano: <http://www.enciclopediadelledonne.it/> (06-04-2015; 14.10).

Museo delle donne valdesi: <http://www.piemonteitalia.eu/gestoredati/dettaglio/1/musei/732/museo-delle-donne-valdesi-angrogna.html> (03-04-2015; 11.57).

Museo de la Mujer, México, Colombia: <http://www.museodelamujer.org.mx/index.php?page=25> (14-04-2015; 09.18).

Museo de la Mujer en Flamenco: <http://museomujerflamenco.com/> (04-04-2015; 18.20).

Museo Etnográfico del Reino de Pamplona: <http://www.ctv.es/USERS/valdeollo/Museo.htm> (12-04-2015; 10.09).

Museo Memoria de la Mujer Peruana: http://www.peruyellow.com/company/57560/Museo_Memoria_de_la_Mujer_Peruana (10-04-2013; 15:27). <http://www.caretas.com.pe/1367/culturales/culturales.html> (06-04-2015; 10.57).

Museu no Feminino (1): mulheres artistas na coleção do Museu
<http://samftpj.blogspot.pt/2011/06/exposicao-museu-no-feminino-mulheres.html> (28-04-2013; 10.53).

Museum Frauencircus: <http://www.acryl.mur.at/> (06-04-2015; 18.26).

Museum Frauenkultur Regional International, Fürth-Burgfarrnbach:
http://www.kulturbox.de/museen/fuerth/?vo_id=1RB13XQC3 (10-04-2013; 13:48);
<http://www.frauenindereinenwelt.de> (03-04-2015; 12.00).

Museo Soggetto Montagna Donna:
<http://www.valsuganacultura.it/casaandriollo/index.html> (04-04-2015; 18.08).

Museos en femenino: femeniname: <http://femeniname.com/museos-en-femenino/> (27-04-2015; 12.04).

Museum van de Vrouw: <http://www.museumvandevrouw.nl> (03-04-2015; 14.04).

Muzeo I Grave MIG – Albanian Womens Museum: <http://mig-al.org/content/women-museum> (06-04-2015; 18.23).

Muso Kunda - Musée de la Femme de Mali:
<http://www.musedelafemme.com/accueil.html> (10-04-2013; 15:34).
(<http://www.musedelafemme.com> (12-04-2015: 10.30);
<http://www.wamponline.org/partners/museums/Mali/malmuse/malmuso.htm> (12-04-2015; 10.46).

National Museum of Women in Arts: <http://www.nmwa.org/> (10-04-2013; 14:42).

National Pioneer Women's Hall of Fame: <http://www.pioneerwomen.com.au> (12-04-2015; 16.53).

National Women's Hall of Fame: <http://www.greatwomen.org> (06-04-2015: 10.03).

Paula Modersohn-Becker Museum – Museen Bottcherstrasse: <http://www.museen-boettcherstrasse.de/> (07-04-2015: 15.11).

Peace Women Across the Globe: <http://www.1000peacewomen.org/>
(12-04-2015; 10.19).

Pioneer Women's Hut Museum: <http://www.pioneerwomenshut.com/> (12-04-2015: 17.02).

Sewall-Belmont House & Museum: <http://www.sewallbelmont.org/> (10-04-2013; 14:55).

Shashwati Women's Museum: <http://www.onebangalore.com/bangalore-attractions/shashwati-womens-museum-jayanagar.html> (10-04-2013; 14:29; 04-04-2015; 16.56). <http://www.kamat.com/kalranga/women/shashwati/>

Slovenian School Museum, Ljubljana: <http://www.ssolski-muzej.si/> (12-04-2015; 09.57).

Southern Women's Museum, Vietnam: <http://www.baotangphunu.com/> (04-04-2015; 15.56).

Sudanese Women's Museum: <http://www.ahfad.org> (12-04-2015; 11.40).

Textilmuseum Hannover: <http://www.museum-fuer-textile-kunst.de> (07-04-2015; 15.29).

The Israeli Women Museum, Haifa: <http://www.haifa-foundation.org/WomenMuseum.htm> (04-04-2015; 17.11).

The Rigoberta Menchu Tum Foundation: <http://www.frmt.org/> (04-04-2015; 16.35).

The Women's Library@LSE: <http://www.lse.ac.uk/library/collections/featuredCollections/womensLibraryLSE.aspx> (11-04-2015; 13.01).

The Women's museum of California: <http://womensmuseumca.org/> (10-04-2013; 14:46).

The Women's Museum: an Institute for the Future: [http://www.smithsonianmag.com/museumday/venues/The Womens Museum An Institute for the Future.html](http://www.smithsonianmag.com/museumday/venues/The_Womens_Museum_An_Institute_for_the_Future.html). (10-04-2013; 15:09).

The Women's Museum at Bait Al Banat: <http://womenmuseumuae.com> (02-04-2015; 18.26).

Kvinnohistoriskt museum - Museum of Women's History (Umea – Sweden): Museum of Women's History: <http://www.kvinnohistoriskt.se> (02-04-2015; 12.12). (Outro site: <http://umea2014.se/en/project/kvinnohistoriskt-museum/> (02-04-2015; 12.12).

Vietnamese Women's Museum: <http://www.womenmuseum.org.vn/http://www.vietnamonline.com/attraction/vietnam-womens-museum.html> (10-04-2013; 14:04; 04-04-2015; 17.40).

Virtual Museum of Women in Azerbaijan: http://www.gender-az.org/index_en.shtml?id_main=17 (03-04-2015; 17.08).

War and Women's Human Rights Museum (South-Korea): www.humanrightskorea.org/.../tour-hr-around-town-war-and-womens-museum/ (03-04-2015; 11.11).

Women Culture Museum, Shanxxi: http://wcm.snnu.edu.cn/e_museum.asp (10-04-2013; 14:36; 04-04-2015; 16.08).

Women's Active Museum on War and Peace (WAM): <http://www.wam-peace.org/english/>; <http://wam-peace.org> (10-04-2013; 14:17; 04-04-2015; 17.24).

Women's History Exhibition Hall (Coreia):

<http://eherstory.mogef.go.kr/eng/welcome/welcome.do>; <http://eherstory.mogef.go.kr>
(10-04-2013; 14:30; 04-04-2015; 17.34).

Women's History Museum – on wheels:
<http://www.oocities.org/womenshist/womenshist.html>. (10-04-2013; 15:01).

Womeninmuseum. The network of the women's museum:
<http://www.womeninmuseum.net/blog/>; <http://www.womeninmuseum.net/en/>
<https://womeninmuseum.wordpress.com/>. (10-04-2013; 17:01; 06-04-2015; 17.26).

Womens Museum Istanbul: <http://www.istanbulkadinmuzesi.org> (06-04-2015; 12.02).

Women's Museum of Iran: <http://www.iranwomenmuseum.org/> (03-04-2015; 10.56).

Women's Museum of Ireland: <http://www.womensmuseumofireland.ie> (06-04-2015; 11-02).

Women's Museum of Montenegro: <http://www.muzejzena.me> (06-04-2015; 11.13).

Womens Rights National Historical Park (Seneca Falls – New York)
<http://www.nps.gov/wori/index.htm> (17-04-2013; 15:23).

www.museodelamujer.org.ar/. (10-04-2013; 20:21).

<http://www.womeninmuseum.net/en/>.

Artículo recibido el 08/06/2015. Aceptado para su publicación en 30/09/2015.